International Congress of History
Congreso Internacional de Historia
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

A presença dos padres matemáticos na América Portuguesa[1]

Giselle Rodrigues
Universidade Estadual de Maringá
Sezinando Luiz Menezes
Universidade Estadual de Maringá

Este trabalho tem o objetivo de analisar a Missão dos Padres Matemáticos, expedição organizada pela Coroa portuguesa na primeira metade do século XVIII, para realizar estudos sobre os territórios portugueses na América. No entanto, previamente a essa análise faz-se necessário algumas considerações sobre o desenvolvimento de uma cultura ilustrada em Portugal, naquele período.

Ao longo do reinado de D. João V viveu-se, em Portugal, um florescimento das luzes, tênues e oscilantes é verdade, mas que questionavam as concepções, o misticismo e uma religiosidade que legitimavam a ação da Inquisição. Contudo, tal transformação não significou uma ruptura radical com as concepções que até então predominavam. Os ideais de progresso, o anti-clericalismo, o surgimento de uma cultura laica se desenvolveram concomitantemente a uma persistência do misticismo, pois, conforme afirmou Falcon (1993, p.98), "no universo mental ilustrado, [...], nem tudo se resume a expressões de pura racionalidade. O racional e o irracional, aí como sempre, coexistem. Bruxarias, milagres e superstições múltiplas vão de braços dados com a tolerância, o anti-racismo, igualitarismo referido à natureza humana".

Sendo assim, conforme Saraiva e Lopes (s/d, p.568), "o reinado de D. João V correspondeu à fase crítica na luta entre a escolástica e as luzes que vão conquistando sempre novas posições ao abrigo das necessidades técnicas". Ressalte-se, no entanto, que "no centro das preocupações dos iluministas portugueses" [...], "manter-se-á o problema do atraso em relação à Europa 'moderna'". Desta forma, "as reformas eram vistas não apenas como a 'promoção das luzes', mas também como uma maneira de superar o atraso".[2] Destarte, em Portugal, a busca do conhecimento, a partir de princípios racionais e do empirismo vincula-se às questões de ordem econômica. A ciência é vista por aqueles homens, principalmente, mas não exclusivamente, como uma forma de "regeneração do reino".

Neste ínterim, ressaltam-se os esforços de D. João V para modernizar o país. Durante o reinado deste monarca, entre outras medidas, foram instaladas bibliotecas em Coimbra e Mafra, foi fundada a Academia Portuguesa de História (1720) e

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

estudantes foram enviados ao exterior[3]. Concomitantemente, começam a ser editados livros com características iluministas.

> Alguns indícios dessa mudança podem ser surpreendidos nos trabalhos de divulgação científica do engenheiro-mor de D. João V, Manuel de Azevedo Fortes, que estagiara longamente em faculdades estrangeiras. Importa também conhecer a permanência de dois médicos portugueses em grandes centros europeus: Jacob de Castro Sarmento, que programou traduzir a obra de Francis Bacon, e Antônio Nunes Ribeiro Sanches. (TEIXEIRA, 1999).

E ainda,

> No âmbito das humanidades, convém citar D. Francisco Xavier de Meneses, Conde da Ericeira, que além de traduzir a *Arte Poética* de Boileau, estimulou a produção e a divulgação de uma cultura renovada em Portugal, a partir dos encontros em sua biblioteca, com cerca de 15 mil volumes. Dentre os frequentadores da biblioteca do Conde da Ericeira, contava-se o Pe. Rafael Bluteau, cujo *Vocabulário Latino e Português*, editado entre 1712 e 1722, revela uma amplitude enciclopédica própria da segunda metade do século XVIII. (TEIXEIRA, 1999).

Trata-se, portanto, de um período de florescimento de estudos, onde se buscam alternativas para a sociedade. Contudo, conforme já afirmamos, aquela época não foi um período de predomínio absoluto das luzes. Paralelamente ao avanço do racionalismo, o período do reinado joanino viveu também uma persistência do misticismo. Nesse embate entre luzes e sombras, destaca-se em Portugal, o "estrangeirado[4]".

O "estrangeirado", é uma figura intelectual característica da cultura portuguesa do século XVIII. Inserindo-se no quadro geral da Ilustração européia, é no "estrangeiro", em países que se fazem distintos de Portugal, em contato com uma outra realidade e com as novas posturas político-filosóficas, tributárias de Descartes, Newton, Locke e Bacon, que os portugueses que "têm em vista o aburguesamento do país" encontram a inspiração para a transformação de Portugal, para a "luta contra o tradicional estado de coisas" (SARAIVA; LOPES, s/d, p.563-564). Desta forma, "é do estrangeiro que Verney, Ribeiro Sanches, o Cavaleiro de Oliveira vêem as coisas pátrias e nelas procuram intervir" (I SARAIVA; LOPES, s/d, p.594). Sendo assim, não

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

causa estranhamento que Ribeiro Sanches tenha escrito um livro sobre a dificuldade que “o Reino Cadaveroso”, ou um “velho Reino” tem para emendar-se.

No início de nossa exposição afirmamos a singularidade do reinado joanino, pois esse período da história lusitana se distingue, também, da “época pombalina”. Senão Vejamos. A segunda metade do século XVIII deu continuidade e intensificou a renovação cultural em Portugal. A ascensão de D. José ao trono e de seu ministro Sebastião José de Carvalho ao poder tornou tal renovação cultural uma política do Estado português. Isto pode ser observado na criação da Aula de Comércio, na Reforma da universidade de Coimbra, na criação do Colégio dos Nobres e na contratação de professores em Bolonha, Genova e Pádua para ensinar física, astronomia, química e matemática nas novas instituições de ensino.

Além disso, segundo Domingues (2001, p.824):

> Cientistas e funcionários criaram e sustentaram uma rede de informação que permitiu ao Estado português setecentista conhecer de forma mais aprofundada e precisa os seus domínios na Europa, Ásia, África e, sobretudo, na América, ou seja, reconhecer os limites físicos dessa soberania, bem como as potencialidades econômicas do território administrado. Foi na segunda metade do Setecentos que se realizaram viagens científicas às colônias, mas foi também neste período que se procedeu à demarcação de limites entre as monarquias ibéricas na América do Sul. E, assim, o esforço de conhecer o espaço e a tensão político-diplomática confundia-se enquanto estímulo imediato à atividade científica de que o Brasil era objeto.

De fato, a tensão entre as monarquias ibéricas tendo como eixo o estabelecimento das fronteiras americanas foi um poderoso estimulo para que a Coroa empreendesse esforços para conhecer o espaço americano de Portugal. Além disso, um outro aspecto igualmente importante foram os motivadores de origem econômica, como pode ser observado nos numerosos trabalhos publicados pela Academia de Ciências de Lisboa que se dedicavam as questões relativas a produção agrícola e manufatureira tanto no Reino quanto no Brasil.

No entanto, se esse movimento de renovação cultural toma grande impulso a partir da segunda metade do século XVIII não se iniciou naquele momento. De certa forma o período de governação pombalina foi, segundo nosso entendimento, o

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

ápice de um processo que se iniciou na primeira metade daquele século. Acreditamos ser possível afirmar que o Marques de Pombal baseou sua política de Estado nos projetos, ideias e concepções que vinham sendo expostos e defendidos na primeira metade do século. Consideramos, pois, que a administração pombalina foi muito mais ponto de chegada do que ponto de partida.

Deste modo, a primeira metade do século XVIII, foi tanto um período de desenvolvimento das luzes quanto de organização de expedições científicas. No caso do Brasil, além da necessidade de conhecer melhor as possibilidades de recursos, as expedições são motivadas, também, pelo descobrimento de depósitos auríferos em regiões que poderiam ser pleiteadas pela Espanha. Nesse contexto foram organizadas expedições que tinham como objetivo conhecer a natureza e legitimar a posse dos territórios portugueses na América. Entre tais expedições destaca-se A “Missão dos Padres Matemáticos”.

Nesta análise partimos do pressuposto teórico de que as ações humanas, apesar de expressarem uma individualidade, correspondem a um determinado contexto social, político, econômico e cultural. Isso significa que o pensamento e comportamento humano associam-se a uma “configuração” – conceito aplicado por Norbert Elias, na obra A sociedade de corte (2001), para estudar a sociedade da corte francesa entre os séculos XVII e XVIII.

Os principais procedimentos metodológicos adotados coadunam-se com a intenção de focalizar o debate em torno dos objetivos, cuja discussão se baseia na pesquisa e inteligibilidade de documentos, artigos e historiografia relacionada, como a obra de Jaime Cortesão, Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid (1953 e 2001).

Segundo Jaime Cortesão (1953, p.07), por volta do ano de 1720 um geógrafo e cartógrafo francês, Guillaume Deslile, fez uma observação expressiva sobre as fronteiras americanas entre os dois países ibéricos, “na qual negava que o Cabo Norte e a Colônia do Sacramento estivessem dentro da zona de soberania portuguesa, delimitada pelo meridiano de Tordesilhas”.

Esta declaração de Deslile prejudicava diretamente Portugal, já que a Colônia do Sacramento era ocupada por Portugal desde o final do século XVII e os lusitanos tinham a pretensões de alargar seu domínio sob a região do rio da Prata em razão da sua estratégica posição comercial. A declaração também poderia aguçar o desejo

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

da Espanha de contestar a divisão imposta pelo Tratado de Tordesilhas, uma vez que não existia uma definição precisa dos limites dos domínios de cada nação ibérica na América.

Diante da dificuldade ou risco, “D. João V compreendeu que era necessário, para obviar a futuras alegações da Espanha, fundadas na situação do meridiano de Tordesilhas, renovar, por meio da cultura astronômica, a cartografia portuguesa e dar uma nova base à sua diplomacia. E é o que fez.” (CORTESÃO,1953, p.8-9)

Esta renovação implicou na contratação, no ano de 1722, dos padres jesuítas, habilitados em matemática e astronomia, os italianos Giovanni Baptista Carbone e Domingos Chapasse, assim como na aquisição dos mais avançados instrumentos matemáticos, na compra de Atlas geográficos e na fundação de um observatório astronômico. (IBDEM, p.9)

Os esforços de D. João V a fim de modernizar a cartografia portuguesa não se limitaram ao reino, já que em 1730 o rei enviou ao Brasil a missão dos padres matemáticos, Diogo Soares e Domingos Capassi, “com o fim de traçar o Novo Atlas do Brasil, por meio de latitudes e longitudes observadas.” (IBDEM)

Em um alvará expedido por ordem real, e datado em 18 de novembro de 1729, notar-se-á o anúncio da missão dos padres matemáticos às principais autoridades administrativas e judiciais das capitanias do Brasil.

> Eu El Rey faço Saber aos que este meu Alvara virem em expeçial ao V. Rey, e Capitão General de mar e Terra do estado do Brazil Governadores do Rio de Janeyro São Paullo e Minas Geraes Pernambuco Maranhão Capitão mor da Parahiba e mais Capitaens Mores de outras Capitanias destritos Villas e freguezias dos Certoens (...) e muito Comviniente ao Governo, e defença do mesmo Estado boa administração da justiça areccadação de minha Fazenda, e para se evitarem as duvidas, e Comtraverçias que se tem originado dos novos descobrimentos que se tem feito nos Certoensdaquelle estado de poucos annos a esta parte fazeremçe Mapas das Terras do dito Estado não sô pella marinha mas pellosCertoens com toda a distincção para qual milhor Se signallem e se conheção os destritos de cada Bispado Governo Capitania Comarcã, e doaçam, e para esta diligençia nomehey dous Religiozos da Companhia de Jezus peritos nas Mathematicas que São Diogo Soares e Domingos Capace, que

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

> mando na prezente ocazião para o Rio de Janeyro. (DOC. Nº LIV. In: CORTESÃO, 1953, p.265).

Verifica-se no alvará que a missão dos padres interessava diretamente a Coroa portuguesa, tendo em vista que o impasse com a Espanha acerca das fronteiras na América aumentava a cada dia diante das riquezas minerais descobertas e exploradas no sertão do Brasil, como o ouro de Minas Gerais e de Goiás, e do avanço lusitano em direção a região do rio da Prata. O estudo e elaboração de mapas precisos sobre estes territórios poderia colocar fim aos impasses.

Partindo de Lisboa em novembro de 1729, os jesuítas chegam ao Rio de Janeiro em 24 de fevereiro de 1730 e, segundo Jaime Cortesão (2001, tomo II, p.10), suas observações se estenderam pelo litoral, do Rio de Janeiro até a Colônia de Sacramento, e no interior, pelas Capitanias de Goiás, Minas Gerais São Paulo, e "pelos territórios que de ai para o Sul se estendem até ao Rio da Prata". Convém ressaltar que os padres matemáticos não se limitaram, e não que isso fosse pouco, a elaboração de mapas. Em seus relatórios podem ser observadas preocupações de caráter econômico e fiscal. Em Minas Gerais, por exemplo, o Padre Diogo Soares observa que os descaminhos causam prejuízos ao Rei. Além disso, Soares informa ao Rei que tinha "visitado, medido e feito plantas de todas as fortalezas" e ressaltava a importância de intensificar a defesa do Rio de Janeiro (IBDEM, p.21). Após o falecimento do Padre Capassi, em 1736, Diogo Soares continuou sozinho a missão até 1748.

Segundo Siqueira (2009) a viagem dos padres matemáticos em direção a América portuguesa revela a pretensão da Coroa em fazer levantamentos oficiais do sertão como forma de delimitar as fronteiras do Brasil com a América espanhola, ou seja, de resolver o problema da linha do Tratado de Tordesilhas para então garantir a soberania do novo espaço. No entanto, a partir de Cortesão (2001, p.8), inferimos que todas as descobertas feitas pelos padres deveriam ser mantidas em sigilo, ou seja, como segredo de Estado, principalmente em relação à Espanha. Para isso, ocultava-se as coordenadas corretas dos meridianos do Brasil.

Com esta forma de trabalho a pretensão da Coroa portuguesa foi atingida de fato, pois segundo Cortesão (1953, p.9-10) as observações cartográficas dos padres ofereceram elementos para que Alexandre de Gusmão[5] dirigisse as negociações do

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

Tratado de Madri, o qual, embora tenha sido posteriormente revogado, estabeleceu as bases territoriais e os princípios das negociações que possibilitaram o estabelecimento definitivo das fronteiras entre as nações ibéricas na América.

É importante ressaltar o fato de que, em um momento de ascensão das luzes, a missão de reconhecimento dos territórios do centro sul do Brasil tenha sido confiada a dois jesuítas. Tal fato demonstra, em aparente contradição, a participação de jesuítas no esforço de renovação do conhecimento em Portugal, a exemplo do que ocorria também com os Oratorianos. No caso dos jesuítas, nossa hipótese inicial é que tal participação derive de três questões básicas.

A primeira. Tal participação se vincularia ao fato de que os jesuítas haviam constituído, desde o século XVI, uma rede de informações a serviço de Deus e do Rei. Essa rede era baseada na obrigação que os inacianos tinham de relatar periodicamente suas atividades por meio de cartas a seus superiores e a seus irmãos, e no caso de Portugal, ao Rei.

A segunda. Uma das principais características dos inacianos era sua capacidade de se adaptar as mais diferentes situações para poder realizar sua obra catequética. Tal característica os conduziu a conciliar a sua prática social e econômica com a doutrina tradicional da Igreja[6].

A terceira. É possível afirmar também, a partir inclusive do disposto no alvará de D. João V, que a missão foi confiada aos padres, Diogo Soares e Domingos Capassi, em razão de seu conhecimento “moderno”, de serem peritos em matemática. Tais características vinham ao encontro das necessidades da Coroa portuguesa que nesta época buscava superar o que se considerava atraso.

Essa última razão contribui ainda para desmitificar a ideia de que o campo religioso, por conta da ortodoxia, era totalmente contrário a modernidade e a racionalidade. Em meio a rigidez da cultura eclesiástica existiam possibilidades que favoreceram o desenvolvimento do conhecimento científico, conforme observar-se-á em Menezes e Costa (2012, p.370):

> De forma predominante, essa instituição [a Igreja] é tida como conservadora e contrária às transformações culturais daquela época. Vista de uma forma panorâmica, de fato, é inegável que a Igreja foi avessa às novidades da modernidade. Não entanto, esse processo não foi linear. Ao contrário, comportou avanços e recuos, idas e

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

> vindas, e se, em determinados momentos, o fogo da Inquisição purificou os hereges, em outros, houve pontífices que estimularam o conhecimento da natureza.

Importante lembrar ainda que o desenvolvimento do conhecimento científico era favorecido pela concepção de que conhecer melhor a natureza era uma forma de se aproximar de Deus, melhor conhecê-lo. Deste modo, “a Igreja não se colocava, a princípio, contra o estudo da natureza. Ao contrário, não foram poucos os clérigos, jesuítas inclusive, que contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento do mundo natural ao longo da modernidade.” (Menezes e Costa, 2012, p.370).

Além disso, ressalte-se ainda que o Colégio de Santo Antão, instituição da Companhia de Jesus em Lisboa, desenvolveu importantes estudos de astronomia e matemática, sendo que o Padre português Diogo Soares, conforme Cortesão (2001, t. II, p.21), era “um representante típico da sua época em Portugal. Matemático, participava igualmente das artes de engenharia[7] e ansiava por colaborar por modo mais completo na formação do Estado do Brasil.”

A seguir trataremos dos caminhos trilhados por estes dois padres na América portuguesa. A discussão se refere, quase que exclusivamente, ao período dos seis primeiros anos que tiveram no Brasil, pois, embora a missão cartográfica tenha durado 18 anos, em 1736 Capassi faleceu e, nesse momento ainda temos poucas informações sobre a continuidade dos trabalhos de Diogo Soares, que é escassa na documentação e na historiografia.

A viagem dos padres de Lisboa em direção a América portuguesa é datada entre novembro de 1729 a fevereiro de 1730. Chegados ao Novo Mundo, percorreram várias regiões, começando pelo litoral (Capitania do Rio de Janeiro, do Rio da Prata e da Colônia de Sacramento) em direção ao sertão (Capitanias de Minas Gerais, São Paulo e Goiás). Este caminho é revelado nos documentos da época, os quais foram organizados por Jaime Cortesão na obra Antecedentes do tratado, t.1, In.: *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri*(1953).

No Rio de Janeiro os padres permaneceram por um breve período, somente enquanto não chegava os instrumentos necessários aos seus trabalhos em direção ao Sul. Conforme trechos do parecer do Conselho Ultramarino, atentamos que os padres aproveitaram este tempo ocioso para observar o Rio de Janeiro, anotando

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

suas ilhas e fazendo plantas das suas fortalezas de modo a servir à utilidade da coroa.

> Diogo Soares, da Companhia de Jezus, em carta de 4 de Julho do anno passado, dá conta a Vossa Magestade em como cumprindo as instrucções de Vossa Magestade (...) julgavam elle e seu companheiro Domingos Capaci, por mais conveniente e justo fosse aquella Capitania do Rio de Janeiro o primeiro logar n'aquella factura, assim por ser a primeira que os hospedara no Brasil como por ser precisa n'ella esta demora não só para esperarem os instrumentos que lhes faltam mas para verem tambem se lhes Davao logar as (noticias) digo noites com as suas continuas trovoadas a fazerem algumas observações, mas que como estas já desde o principio de maio o permittirão, e julgarão que por todo o Setembro entrarião ás Minas Geraes, e por ellas ao Certão, e que n'aquelle tempo tinhão visto, sondado e riscado todo aquelle grande recôncavo e suas llhas que são inumeráveis; vizitado, medido e feito plantas de todas as suas fortalezas... (DOC. Nº LVIII. In: CORTESÃO, 1953, p.271-272).

Verifica-se no documento, que a intenção dos padres, depois de terem observado o Rio de Janeiro, era percorrer o interior, mas precisamente a região de Minas Gerais. Contudo, esse desejo dos padres ficou para depois, pois "os governadores do Rio de Janeiro e da Colônia do Sacramento instam com êles para que passem a esta última praça, onde chegam a 24 de outubro de 1730..." (CORTESÃO, 2001, t.II, p.22).

O motivo da passagem dos padres para Sul se prende ao interesse de Antônio Pedro de Vasconcelos, governador de Sacramento, de fazer a defesa da colônia mediante o trabalho dos matemáticos que mostrariam "a melhor forma de alargar a povoação, renovar as fortificações e construir novas muralhas" (IBDEM). De acordo com a tarefa que lhe foi delegada, Diogo Soares observou a população da região, elaborou a planta da cidade de Sacramento, do seu recôncavo e de suas ilhas, bem como de uma nova fortificação.

> Cheguei a Ella a 24 de Outubro e tratei logo de tirar a planta desta cidade e visto, considerado medido todo o seu terreno, numero de familias e casaes, que todos os dias crescem e se augmentão,

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

> risquei a nova fortificação que agora offereço a V.M. capaz de hum bom e proporcionado numero de moradores. Da cidade passei a tirar a do recôncavo e Ilhas de S. Gabriel, mas estas campanhas, animei-me a tirar tambem com a cautela, que me pareceu precisa, hum pequeno mappa dellas, que me não foi possível concluir ainda com a exação, que desejo. (DOC. Nº LIX. In: CORTESÃO, 1953, p.274)

Da Colônia do Sacramento é evidente na documentação referenciada acima (Doc. nº LIX, p.275) que o Diogo Soares pretendia percorrer e observar o Sul da América portuguesa, passando pelo Rio Grande, Santa Catarina e Laguna antes de retornar ao Rio de Janeiro, para de lá partir para Minas. Entretanto, o fato do companheiro de missão Domingos Capacci ter regressado antes ao Rio, levando consigo todos os instrumentos necessários à medição das coordenadas, impossibilitou tal empreitada. O desencontro entre os padres, conforme Cortesão (2001,t.II, p.23), evidencia que ambos apresentavam algumas diferenças e, inclusive, Soares tecia algumas censuras contra Capassi.

Mas, independentemente das diferenças, consta que os dois padres, depois de terem passado pela Colônia do Sacramento e voltado ao Rio de Janeiro, se dirigiram em direção ao Sertão, com o propósito de trabalharem em conjunto na região das Minas Gerais, inclusive na de Minas Novas (Goiás). Tal viagem pelo interior se revela nas cartas escritas pelos dois matemáticos e endereçadas a Martinho de Mendonça de Pina e Proença no ano de 1734.

Segundo Renger e Machado (2005), os padres instalaram-se em Minas Gerais no ano de 1732 e permaneceram na região durante um período de dois anos, no qual elaboraram um conjunto de quatro mapas que representaram: todos os arraias e vilas da região; os caminhos da capitania; os registros de cobrança de impostos para as capitanias limítrofes (Rio de Janeiro e Bahia); o detalhamento da rede fluvial; algumas serras mais destacadas e a vegetação da região do Mato Grosso.

Depois, portanto, de terem anotado a cartografia das Minas por meio dos mapas e observado Serras e rios, os padres se dirigiram no início do ano de 1735 para São Paulo. Deste local, Cortesão (2001, t.II, p.23) discute que Diogo Soares se preparava para voltar ao interior, com o propósito de completar as observações

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

feitas pelo seu colega padre nas Minas Novas (Goiás), e Capassi provavelmente permaneceu em São Paulo realizando a carta desta capitania.

Aproximadamente um ano depois de ter se fixado em São Paulo, Capassi faleceu de febre maligna, em 14 de fevereiro de 1736, e o padre Diogo Soares prosseguiu com a missão cartográfica até 1748 em direção ao Rio Grande de São Pedro (atual Rio Grande do Sul), depois que retornou de Goiás no ano de 1738. (IBDEM, p.24).

Diante do que foi apresentado concluímos que a missão dos padres matemáticos, Diogo Soares e Domingos Capassi, teve como motivador mais imediato a necessidade de expansão, demarcação e reconhecimento das fronteiras geográficas do Brasil em face do risco que representava as pretensões espanholas na América e somente foi possível em razão das transformações culturais que estavam ocorrendo em Portugal na primeira metade do século XVIII. No entanto, pelas razões anteriormente expostas, em aparente contradição, os homens que podem produzir um maior conhecimento empírico sobre os territórios portugueses são jesuítas.

Referências

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da Capitania de São Paulo. **Anais do Museu Paulista.** São Paulo, v.17, n. 2. p.111-153. Jul./Dez. 2009.

CORTESÃO, Jaime. Antecedentes do tratado, tomo I. In.: **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri**. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950.

_____**. O tratado de Madri**, tomo I e II. (edição fac-similar). Brasília: Senado Federal, 2001.

DOMINGUES, Ângela. Para melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no império português em finais do Setecentos. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Casa Osvaldo Cruz-FIOCRUZ, Rio de Janeiro, v.8, p.823 – 838, 2001.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FALCON, Francisco J. C. **A Época Pombalina**. 2 Ed. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

MENEZES, Sezinando Luiz; COSTA, Célio Juvenal. Sobre cometas e arco-íris: Antônio Vieira, os jesuítas,o conhecimento revelado e a ciência moderna. **Revista História Unisinos.** 16(3):369-378, Set./Dez. 2012.

NOVAIS, F.A., **Aproximações: ensaios de história e historiografia.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

PORTELA. José Roberto Braga. **DESCRIPÇOENS, MEMMÓRIAS, NOTICIAS E RELAÇOENS.** Administração e Ciência na construção de um padrão textual iluminista sobre Moçambique, na segunda metade do Século XVIII. Tese de doutorado em História. Curitiba: UFPR, 2006.

RENGER, Friedrich Ewald; MACHADO, Maria Márcia Magela. Do descobrimento do ouro à criação das vilas na cartografia histórica da capitania de Minas Gerais. **I Simpósio Luso-brasileiro de cartografia histórica.** 2005.

RIBEIRO SANCHES, A. N. **Dificuldades que tem um velho Reino para emendar-se.** Porto Inova, S/d.

SARAIVA, Antonio José; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa.** 11ª Ed. Porto: Porto Editora, s/d.

TEIXEIRA, Ivan. **Mecenato pombalino e poesia neoclássica**. São Paulo : Edusp, 1999.

NOTAS

[1] O desenvolvimento da pesquisa conta com o apoio da Fundação Araucária do Estado do Paraná.

[2] Vide NOVAIS, 2005. p.168.

[3] CORTESÃO, Jaime. T.I, vol. I. Vide também SARAIVA, A. J. e LOPES, O., especialmente p.566 a 574.

[4] A utilização aqui do termo estrangeirado não significa que concordamos com o significado clássico que lhe foi atribuído por Antonio Sérgio. Porém em razão dos limites do trabalho, tal discussão será objeto de reflexão em nossos estudos posteriores.

[5]Alexandre de Gusmão, conforme Jaime Cortesão (2001, p.5-13),foi um contemporâneo do século XVIII dono de inúmeros talentos. Foi um artista, escritor e secretário-geral do Estado português, bem como do rei D. João V, a partir de 1730. Seus trabalhos diplomáticos resultaram nas negociações do Tratado de Madri.

[6] Vide SARAIVA, A J. e LOPES, s/d., p. 554-555. A respeito da participação dos jesuítas na administração de bens materiais vide também: MENEZES, Sezinando Luiz. A Coroa, o donatário e o Jesuíta: a convergência dos distintos *brasis* nos primórdios da colonização portuguesa na América. IN: MOREIRA, Luiz Felipe Viel. **Instituições, fronteira e política na história sul-americana**. Curitiba: Juruá, 2007.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.486

[7] Além de um "típico representante de sua época", e de "participante das artes de engenharia", como afirma Jaime Cortesão, Diogo Soares, foi professor da "aula de esfera" no Colégio de Santo Antão.